



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIZA SALETE BACKES SILVA

**TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE E
SUAS MÚLTIPLAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR**

DOURADOS – MS
2013

MARIZA SALETE BACKES SILVA

**TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE E
SUAS MÚLTIPLAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso da pós-graduação lato sensu-Especialização em Formação de Profissionais da Educação junto à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Dourados (UFGD).

Orientador: Prof^o Dr. Warley Carlos de Souza

DOURADOS – MS
2013

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me concedido a graça de voltar a estudar, capacitando-me para concluir este curso, obrigada Senhor por mais uma vez me tomar pela mão e conduzi - lá rumo à vitória.

Ao meu amado esposo Celso, companheiro de tantos anos que com carinho soube entender as minhas ausências, seu incentivo foi tudo para mim.

Minha linda filha Letícia, um pedacinho do céu que veio encher a nossa casa de “alegria” e me mostrar o quanto vale a pena ser mãe.

Aos meus amados irmãos em Cristo que oraram por mim desde a prova de seleção, vocês são parte de mim muito obrigada, em especial minha amiga Lause por ceder seu tempo para me auxiliar com as leituras.

As minhas amigas de caminhada acadêmica como foi bom este tempo de aprendizado. Márcia você foi imprescindível para mim durante todo este curso. Stellamaris Deus realmente te colocou no meu caminho para me abençoar e, aos demais colegas de curso, obrigada pelo auxílio e companheirismo.

A todos os professores da Especialização particularmente nossa coordenadora de curso e Professora Dra. Rosemeire Messa de Souza Nogueira, por acreditar em cada um de nós especialmente em mim e ao meu orientador Prof^o. Dr. Warley Carlos de Souza, meus sinceros agradecimentos.

Não posso deixar de mencionar a contribuição neste trabalho da psicóloga e conselheira Patrícia, sua paciência e sabedoria em ouvir as minhas dúvidas foram muito valiosas.

Minha sincera gratidão às escolas que junto a seus coordenadores e professores abriram suas portas para a realização deste trabalho, especialmente aos meus queridos alunos por aprendermos juntos a cada novo dia.

Obrigada a minha família, principalmente minha mãe D. Terezinha, o melhor exemplo do que realmente é ser mãe, cedendo seu tempo e espaço para cuidar da minha filha para que eu pudesse estar na universidade novamente e também as minhas irmãs Beatriz, Marinete, Marlize e o cunhado Mario pelo apoio e cuidado, aos meus queridos sobrinhos Eduardo e Rafael agradeço pelo auxílio com as tecnologias vocês são demais, e os pequenos Gabriel e Miguel vocês são um alento para o meu coração.

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”

Rubem Alves

RESUMO

O trabalho proposto tem como objetivo conhecer, descrever e analisar o que os professores da cidade de Dourados MS conhecem a respeito do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, aqui denominado TDAH e suas múltiplas implicações no contexto escolar, com ênfase nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. O presente estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica e de uma pesquisa de campo em quatro escolas da cidade de Dourados-MS, das quais duas são da rede pública e duas escolas da rede privada de ensino. Sendo assim, foi realizada uma entrevista semiestruturada contendo três perguntas, em que foram ouvidos dez professores durante os meses de setembro e outubro de 2013, procurando identificar qual é a concepção do TDAH e quais intervenções pedagógicas causam uma melhor eficácia entre as crianças com o transtorno. Por intermédio das leituras, verificou-se a importância do professor como um mediador do ensino-aprendizagem, buscando assim na formação continuada novas intervenções que auxiliem a criança com o TDAH a alcançarem melhores níveis de desempenho e compreensão dos conteúdos ministrados, sendo fundamental ao educador ter uma prática rotineira de conteúdos, incentivos e regras para que este conjunto de atribuições desperte no aluno o interesse em realizar as atividades propostas e em cumprir com os combinados estipulados pelo professor. Em suma, o esforço para que os estudos pesquisados trouxessem maiores elucidações sobre a temática foram contemplados. Por meio das entrevistas observou-se que muitos educadores procuram, ao fazer suas leituras, encontrar mecanismos para lecionar os conteúdos para os seus alunos com o TDAH.

Palavras Chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Professor. Aluno.

ABSTRACT

The proposed work aims to evaluate , describe and analyze what teachers of the city of Dourados MS know about Attention Deficit Disorder and Hyperactivity , here called TDAH and its multiple implications in the school context , with emphasis on the early years of education fundamental I. The present study was carried out through literature review and field research in four schools in Dourados MS, two of which are of public schools and two private schools. So a semistructured interview containing three questions, in which ten teachers were heard during the months of September and October 2013, was performed looking for what is the conception of TDAH and pedagogical interventions which cause greater effectiveness among children with the disorder. Through the readings , there was the importance of the teacher as a mediator of teaching and learning , thus seeking continuing education in new interventions that help children with TDAH to achieve higher levels of performance and understanding of the contents and is central to the educator have a routine practice content , incentives and rules for this set of assignments awaken the student 's interest in conducting the proposed activities and to comply with the combined stipulated by the teacher. In short, the efforts to bring larger studies surveyed clarifications on the subject were included. Through the interviews it was noted that many educators seek to make their readings, find ways to teach the content to their students with TDAH.

Key words: Disorder Attention Deficit Hyperactivity. Teacher. Student.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	9
1.1 TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade	9
1.2 História do TDAH.....	10
1.3 O TDAH, a Escola e a Família	12
CAPÍTULO 2	20
2.1 Entrevista com os professores.....	20
2.2 Conhecimento dos professores sobre o TDAH.....	28
2.3 Análise de Dados e Intervenções Metodológicas	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
APÊNDICE-Modelo do Roteiro da Entrevista e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	38

INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é um transtorno no qual ainda existem inúmeros olhares, que o classificam no âmbito escolar, definindo-o como se o aluno fosse mal-educado, indisciplinado e muitas vezes pouco inteligente.

Este tema foi explorado em nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois sabemos das possibilidades de termos em nossas salas de aula alunos com esse transtorno e temos que estar preparados para lidar com tais especificidades.

Desse modo, definiu-se compreender o que é o TDAH por meio da revisão bibliográfica e com uma pesquisa de campo conhecer o que o professor nos anos iniciais do Ensino Fundamental I compreende a respeito desta temática e quais podem ser as possibilidades de intervenções metodológicas com maior eficácia para auxiliar o aluno que possui o transtorno.

Para tanto, buscou-se conhecer, descrever e analisar o que os professores conhecem a respeito do TDAH por meio de uma entrevista semiestruturada (em anexo), contendo três perguntas a respeito da temática relevante no meio escolar, entrevistamos assim, dez professores nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Sendo que, primeiro perguntou-se o que é o TDAH e qual é a sua fonte de pesquisa (revistas, jornais, internet, outros), segundo qual é o limite entre a indisciplina e o TDAH, terceira quais são as metodologias mais eficazes para atender a criança com o TDAH. As entrevistas foram feitas em quatro escolas da cidade de Dourados MS, sendo uma escola municipal, uma estadual, uma privada e uma privada confessional¹.

Buscando a compreensão do que é o TDAH, bem como a importância de metodologias apropriadas para atender crianças com esse déficit foram utilizados autores como: Barkley (2002), Dussel e Caruso (2003), Goldstein e Goldstein (1994), Mattos (2003), Silva (2009) e Souza (2009).

As justificativas pessoais para a realização desta pesquisa me levam inicialmente a fazer uma retrospectiva do que realmente nos motivou a escrever sobre o TDAH. Em outra

¹ Refere-se à escola vinculada ou pertencente a igrejas ou confissões religiosas. A escola confessional baseia os seus princípios, objetivos e forma de atuação numa religião, diferenciando-se, portanto, das escolas laicas. Para esse tipo de escola o desenvolvimento dos sentimentos religioso e moral nos alunos é o objetivo primeiro do trabalho educacional. Dessa forma, se a escola leiga constrói sua proposta baseada apenas em correntes pedagógicas, a confessional procura ter um embasamento filosófico-teológico. MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. "Escola confessional" (verbetes). Dicionário Interativo da Educação Brasileira.

oportunidade lecionei para o pequeno que será aqui chamado de G. Pequeno mesmo só na estatura, pois as dificuldades de aprendizagem e principalmente de relacionamentos eram enormes.

Comecei a observá-lo e não foi difícil perceber que havia algo diferente, mas o que exatamente eu não consegui avaliar e também não era o meu papel fazer um diagnóstico. Após uma conversa com a coordenação optou-se por chamar os pais, que posteriormente foram orientados a levá-lo para um especialista da saúde, o qual o diagnosticou com o TDAH com o caso se ser medicado.

Para a minha surpresa o fato do G ser diagnosticado e medicado por causa do TDAH não causou em nós, como educadora, nenhum receio em estar com ele, ao contrário o desejo de auxiliá-lo tornou-se ainda maior, pois estávamos quase no final do primeiro semestre e o aluno ainda não tinha iniciado a leitura, haja vista que no 2º ano dos anos iniciais a criança precisa ter a noção de escrita ortográfica e leitura por conta das atividades avaliativas que são exigidas pela escola.

Segurar a mão do pequeno G foi o passo inicial, mostrando que ele seria capaz de ler e escrever como os colegas. Os incentivos não foram poucos, mas o que realmente surtiu efeito foi às regras e os combinados atrelados a jogos de memorização, leituras individuais (soletrando mesmo o alfabeto). Jamais vou esquecer o seu rostinho após conseguir fazer uma leitura e os coleguinhas o aplaudindo pela conquista, e uma surpresa ainda maior, vê-lo passar para o 3º ano com um alto nível de conhecimento, ele precisou de mais tempo e muitas vezes não damos esse tempo ao nosso aluno.

As evidências relatam ser este o desafio do professor, o de não buscar respostas prontas, mas analisar cada sujeito, procurando extrair dele o melhor, incentivando a buscar esse melhor. Lecionar para o G marcou minha atuação docente levando-me a profundas reflexões de que, ele não era somente mais um aluno em um período letivo, mas sim uma criança que precisava de ajuda e de mudanças nas práticas educacionais que eram feitas na instituição escolar. Penso quantas vezes nós educadores somos confrontados com novos desafios e nos sentimos desmotivados, com dúvidas, com dificuldades para terminar um estudo, imaginem então uma criança com o TDAH.

Nas considerações finais, a partir das leituras dos autores e por meio da análise das entrevistas, ficou evidente a necessidade por buscar intervenções metodológicas que possam auxiliar a criança com o TDAH, salientando a diferença que faz no contexto escolar um educador com uma prática docente que valorize a integração da criança com o transtorno.

CAPÍTULO 1

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre!

Paulo Freire

Neste capítulo, apresentamos uma abordagem geral acerca do que seja o TDAH, como já mencionado Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e segundo os autores pesquisados Goldstein e Goldstein (1994), Barkley (2002) e Silva (2009) com definições e características que a criança com o transtorno apresenta bem como as questões de metodologias apropriadas para intervir com a criança na escola.

Observamos por meio dos estudos realizados pelos autores supracitados a importância do professor no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança e a parceria com os pais intervindo assim de uma forma eficaz na criança com tais especificidades e que segundo os mesmos representa para a família e os educadores um desafio pela falta de limites ora evidenciados na criança com o TDAH.

Nossa preocupação enquanto docente em pesquisar estudos sobre o TDAH nos é perceptíveis, pois temos encontrado em nossas salas de aula alunos com tais especificidades evidenciadas pelo comprometimento na aprendizagem. Por meio das leituras e pesquisas realizadas pelos autores mencionados observamos a complexidade que tem a criança com o transtorno sem uma intervenção pedagógica específica.

1.1 TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

Atuando na área escolar observamos inúmeras situações que nos despertaram a atenção especial pela relevância desta temática que é o TDAH no contexto escolar. Em nossa atuação docente, é evidenciado o encontro com diversos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, sendo assim estas situações redundantes vivenciadas na sala de aula nos inquietaram e despertaram o desejo de pesquisar sobre este tema. O TDAH tornou-se mais comum no cotidiano escolar, com evidências obtidas por meio das leituras realizadas para a execução desta pesquisa fazendo-se necessário criar novas estratégias e intervenções metodológicas para auxiliar o aluno com o transtorno de atenção.

Pensando as peculiaridades da criança com TDAH, os autores estudados Barkley (2002) e Goldstein e Goldstein (1994) pontuam a importância no papel do professor para o desenvolvimento cognitivo e também afetivo da criança com o transtorno. Para alcançar os objetivos da aula, ou seja, a formação desses alunos é necessário o conhecimento e a capacitação do professor em relação ao transtorno para a melhor organização de suas metodologias.

Há casos de professores que por falta de leitura e compreensão, “rotulam” esses alunos como mal educados e indisciplinados, não acreditando em suas potencialidades e não procurando um currículo adequado para auxiliar na formação do aluno com o transtorno. Nesse sentido, buscamos o aprofundamento quanto ao tema, tentando entender o mundo da criança com TDAH e o quanto o professor dos anos iniciais pode colaborar com esse aluno.

1.2 História do TDAH

Os autores Barkley (2002), Goldstein e Goldstein (1994) e Silva (2009) definem o TDAH como um transtorno que compromete a vida sócio-afetiva, familiar e principalmente escolar da criança que o possui.

Para estes pesquisadores o TDAH é um transtorno que compromete a atenção da criança e que pode se manifestar com ou sem hiperatividade, neste caso as crianças diagnosticadas com este referido transtorno normalmente são agitadas, correm todo o tempo, não respeitam limites demonstrando pouco interesse pelos conteúdos oferecidos.

Para Silva (2009, p.12):

O TDAH se caracteriza por três sintomas básicos: desatenção, impulsividade e hiperatividade física e mental. Costuma se manifestar ainda na infância e em cerca de 70% dos casos o transtorno continua na vida adulta. Ele acomete ambos os sexos, independentemente do grau de escolaridade, situação socioeconômica ou nível cultural, o que pode resultar em sérios prejuízos na qualidade de vida das pessoas que o têm, caso não sejam diagnosticadas e orientadas precocemente.

O TDAH é um transtorno que é mais perceptível quando a criança precisa de maior concentração para realizar as atividades propostas e com períodos mais longos sentadas na sala de aula. Os pais até percebem algumas características em seus filhos, demonstrações de que há algo diferente, mas, algumas circunstâncias passam despercebidas, pois são

confundidas com a falta de limites o que é muito comum nas crianças nessa idade, no começo dos anos iniciais na escola.

Assim Silva (2009, p.13) define:

O transtorno do déficit de atenção deriva de um funcionamento alterado no sistema neurobiológico cerebral. Isso significa que substâncias químicas produzidas pelo cérebro, chamadas neurotransmissores, apresentam-se alteradas quantitativa e/ou qualitativamente no interior dos sistemas cerebrais, que são responsáveis pelas funções da atenção, impulsividade e atividade física e mental no comportamento humano. Trata-se de uma disfunção, e não de uma lesão, como anteriormente se pensava.

A criança evidentemente possui uma patologia ou dificuldades na aprendizagem e precisa ser cuidada com atenção, fazendo um tratamento pedagógico correto, ou se for este o caso, um acompanhamento por um profissional de saúde.

Para Silva (2009, p.214) ocorreram muitos avanços:

Os passos no sentido de definir a anatomia e a bioquímica dos cérebros TDAs foram gigantes, em termos científicos. Cada um deles forneceu a certeza de que esse transtorno não é uma simples incapacidade moral para se comportar, se interessar pelo mundo ao seu redor, ou ainda uma falta de vontade de acertar-se profissional, afetiva ou socialmente. Isso tira da fronteira da “marginalidade social“ (daqueles que estão à margem da sociedade) milhares de pessoas que, se pudessem ser tratadas, orientadas e organizadas, poderiam estar desempenhando suas potencialidades ou mesmo seus talentos especiais, contribuindo, assim, para uma sociedade mais aprazível.

Pode então haver um confronto interno nas crianças que apresentam o referido transtorno, pois ao passo que querem prestar atenção, comportar-se como é solicitado, cumprir tarefas exigidas, no seu interior são acometidas por divagações entre um cérebro e um corpo que não estão entrosados. Assim por meio das leituras realizadas observamos as duas nomenclaturas usadas pela autora Silva (2009) quando se refere ao TDA é quando a criança possui somente o “transtorno de déficit de atenção” e o TDAH quando se diz “transtorno de déficit de atenção e hiperatividade”.

Arnold (1995) apud SILVA (2009, p.214) descreve:

No longo caminho entre a arrumação genética e a entrada na escola, milhares de coisas podem dar errado no cérebro de um indivíduo. Tal afirmação traduz bem a longa história da ciência, rumo ao entendimento de como funciona um cérebro TDA e seus muitos fatores causais. Onde essa história se iniciou não se sabe dizer; no entanto, a mudança no “foco” da questão possibilitou retirar o TDA da esfera moralista e punitiva e levá-lo para uma esfera científica e passível de tratamento. E isso é o que realmente importa.

Esta fala da autora é bem pertinente, tira de sobre os ombros da criança com o TDAH um peso que ela não tem como carregar. Como punir e cobrar alguém que não possui completo domínio sobre seu corpo, suas emoções? A autora pontua que o melhor caminho para desenvolver a aprendizagem da criança é levá-la ao tratamento e acompanhamento pedagógico com profissionais capacitados e com mecanismos teóricos específicos para auxiliar o professor na sala de aula.

1.3 O TDAH, a Escola e a Família

Para Goldstein e Goldstein (1994, p.19-20):

A criança com hiperatividade representa um enorme desafio para pais e professores. As pesquisas sugerem que a hiperatividade pode ser o problema mais persistente e comum na infância. É persistente ou crônico porque não há cura e muitos problemas apresentados pela criança hiperativa devem ser administrados, dia a dia, durante a infância e a adolescência, é possível que problemas resultantes da hiperatividade estejam entre as razões mais freqüentes que justificam o encaminhamento de crianças com problemas de comportamento a médicos, psicólogos, educadores e outros especialistas em saúde mental.

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade traz dificuldades ao aluno tanto nas questões do aprendizado como nas relações de interação com colegas e professores, principalmente pela falta de limites ora observados na maioria de crianças com o transtorno.

Keith Conners, *apud* Goldstein e Goldstein (1994, p.21) comenta que há um caminho longo para se chegar a um diagnóstico preciso:

O Dr. Keith Conners, um pesquisador muito conhecido na área da hiperatividade infantil, afirma que o diagnóstico da hiperatividade é difícil e complexo. Não existe nenhum teste diagnóstico absoluto para a hiperatividade. É preciso uma cuidadosa coleção de informações das mais variadas fontes (por exemplo, pais e professores), através dos mais variados instrumentos (questionários, entrevistas e testes) e por vários meios. Além disso, não há sinais significativos na história do desenvolvimento da criança que com certeza absoluta possam contribuir para diagnosticar a hiperatividade. Embora certos fatores de desenvolvimento no início da infância (o bebê difícil de acalmar ou com dificuldade para dormir) possam colocar crianças no grupo de risco, a hiperatividade é marcada por um grupo desses problemas, pela sua intensidade ou gravidade e pela sua persistência durante o processo de crescimento da criança.

Neste contexto entra o papel muito importante, que é o do professor que irá auxiliar na formação destes diagnósticos pedagógicos, fazendo a observação e anotando dados sobre o comportamento do aluno em sala de aula. Neste sentido, conforme os autores pontuam é preciso muita cautela, pois não há nenhum teste absoluto para hiperatividade e o papel do educador é somente fazer as suas observações.

Até um diagnóstico correto é preciso muita paciência por parte dos pais e educadores. Em outros tempos, segundo Goldstein e Goldstein (1994, p.23) as escolas agiam desta maneira:

Há um século, no nosso sistema educacional, o método usual de um professor de lidar com essas dificuldades de temperamento era bater ruidosamente na criança com uma régua. Se a régua quebrasse antes que a criança, as autoridades, polidamente, sugeriam que a criança não retornasse à escola. Assim, as dificuldades escolares eram resolvidas e a criança era entregue ao mundo. Na nossa sociedade e cultura, as crianças que permanecem calmamente sentadas prestam atenção, planejam e conseguem alcançar seus objetivos. Essas exigências recaem mesmo sobre crianças muito pequenas. A criança hiperativa, incapaz de satisfazer essas exigências, é uma candidata imediata a uma infinidade de problemas.

Desta forma, mais uma vez, é preciso que o professor entenda exatamente como lidar com essas crianças, trabalhando e atendendo num coletivo, mas que possa abranger a diversidade da sala de aula.

Observamos que se encontram na mesma sala de aula vários alunos com aptidões diversas ou com uma boa compreensão das atividades, mais a atenção precisa ser bem maior com os alunos que apresentam comportamentos de TDAH.

Para Goldstein e Goldstein (1994, p.20) há explicações bem simples no senso comum para o TDAH:

[...] Desatenção, agitação, excesso de atividade, emotividade, impulsividade e baixo limiar de frustração (dificuldade para adiar recompensas) afetam a integração da criança com todo o seu mundo: em casa, na escola e na comunidade em geral.

Parecem ser sintomas tão comuns que sob um olhar menos atento serão confundidos com a indisciplina, mas no dia a dia escolar as dificuldades cognitivas se tornarão mais evidenciadas. E é desses fatores que os professores podem se elencar, para então intervir pedagogicamente.

Dentre os seus relatos Goldstein e Goldstein (1994, p.32) analisa:

Quando perguntamos aos pais de crianças hiperativas como foi que eles perceberam que havia algo diferente com seus filhos, recebemos as mais variadas respostas. Alguns pais falam de já ter consciência da maneira diferente de ser dos seus filhos logo depois do nascimento. Uma das mães lembrava de como seu filho gritava alto e o tempo todo. Uma outra contava como era difícil acalmar a criança. Um pai lembrava a energia ilimitada e baixa capacidade de julgamento do seu filho, assim que começou a andar. Uma outra mãe lembrou que observou as diferenças entre seu filho e os outros quando ele entrou na pré-escola.

Percebe-se por meio dos apontamentos de Goldstein e Goldstein (1994), em suas entrevistas com pais de crianças “hiperativas” que seus relatos apontam um comportamento diferente na criança após o nascimento, este é um fator que deve ser observado e que pode ser relevante para auxiliar a diagnosticar o TDAH.

Desde o início da história e até quando a educação formal ganhou o formato que se encontra evoluiu de formas diferentes, mas é bom pensar como foi estruturada e organizada e assim Dussel e Caruso (2003 p.16-17) mostram relatos de como se pensou a escola e a educação ao longo desta trajetória e como assim inserir a diversidade encontrada nos alunos para ela:

[...] É provável que uma parte desses temores nos acompanhe sempre, como a todo ser humano: entretanto, oxalá a questão do controle e do medo de perdê-lo deixe de ser um dos eixos mais importante da interação professor-aluno. Se a pedagogia é um saber que ajuda os docentes a serem “bons” professores, é conveniente começar por estabelecer como se define um “bom professor”, quem o define como trabalha, antes de pensarmos em regras, divisões e formas de transmitir esse saber.

Segundo Dussel e Caruso (2003, p.17) é preciso observar quais são as formas eficazes de levar o aprendizado a criança e a forma conceitual usada pelos professores, pois relatam como pode ser definido um bom professor e como pode ser medido o seu conhecimento destacando ainda que:

Para nós, não há melhor maneira de abordar estas questões senão através de uma visão histórica. Partimos do princípio de que as definições de um bom professor, do conteúdo dos ensinamentos, métodos e didáticas são saberes históricos, produzidos por indivíduos sociais, por pensadores, grupos, instituições que atuaram e pensaram em outros contextos – alguns muito semelhantes aos nossos, outros muito diferentes. Inclusive a idéia de que é preciso levar em conta a psicologia infantil e as categorias e conceitos utilizados para falar sobre a aprendizagem da criança, que parece “natural” e “necessária”, é, no entanto um produto histórico.

O que nos remete a compreensão que cada vez mais se faz necessária à busca incessante por conhecimento, por novos saberes, pois isto é o diferencial de um professor que se permite aprofundar, adentrar no conteúdo sem reservas.

Dussel e Caruso (2003, p.17-18) comenta:

Percorrendo a história da sala de aula e das formas de ensinar, procuramos esclarecer o fato de que muitas técnicas e palavras que utilizamos para nos referir ao que acontece na sala de aula têm um passado, surgiram em situações concretas como respostas a desafios ou problemas específicos, e que provavelmente, quando as utilizamos hoje em dia, ainda trazem parte desses significados. Compreender de onde surgem, de quais estratégias e problemas fazem parte, como foram ou são utilizadas, e que efeitos causaram pode ajudar-nos a aliviar essa carga e a assumir nossa tarefa como uma reinvenção própria das tradições que recebemos. Embora não voltemos a inventar a pólvora, também não seremos clones de outros e nem clonaremos nossos alunos. Pois, em última instância, transmitir é também abrir espaço para que o outro utilize de maneira diferente nosso saber e nosso desejo de educá-lo-para que seja outro, e não o mesmo indivíduo.

Entender a pedagogia leva-nos a pensar como faz sentido a produção do conhecimento e seus significados e como isso é transmitido ao aluno de uma forma que retenha o conteúdo exposto. Para tanto, o professor precisa tomar uma posição enquanto mediador da aprendizagem e com domínio de conteúdo encontre os mecanismos corretos para levar o sujeito à assimilação do ensino proposto. É uma tarefa árdua que exige por parte do educador uma dedicação e um desejo de buscar alternativas que possam fazer diferença na aprendizagem da criança, pois é, preciso ter o entendimento que todos são diferentes mesmo estando juntos, como é o caso da sala de aula.

Para Dussel e Caruso (2003, p.23-24):

Hoje em dia, é impossível pensar uma pedagogia sem a escola. Entretanto, durante muitos séculos esse era exatamente o caso, e as pedagogias eram reflexos de como um pedagogo tinha que educar os príncipes e as crianças de determinadas classes privilegiadas, e nessas funções se confundiam o cuidado, o ensino, os modos e a vestimenta. Atualmente, as pedagogias estão concentradas, e com razão, na escola.

Segundo relatos dos autores supramencionados na idade média a educação era bem elitizada, quando somente os nobres tinham acesso e permanência na escola. As evidências apontam que essa realidade ainda não seja tão diferente na atualidade quando muitos estão fora da escola e outros fazem parte, mas não são integrados, e nesse caso alunos com o TDAH.

Como então pensar na sala de aula e na significância do papel do professor como aquele que interage e mobiliza o aluno a ocupar um espaço que nem sempre é amplo para ele, assim os autores Dussel e Caruso (2003, p.24) mencionam:

[...] Essa ciência, essa arte-desempenhou um papel importante no momento de armar e dar um contorno a um de nossos mais antigos conhecidos: a sala de aula da escola elementar. Neste trajeto da história da sala de aula, talvez fique mais claro por que a pedagogia podia ser entendida tanto como método, aio ou acompanhante. Queremos mostrar como a pedagogia tentou dar forma à sala de aula, à disposição do espaço, a seus rituais, costumes, modos de interação e de comunicação. Talvez isso nos ajude a lidar com nossos temores e a nos apropriarmos com decisão desse espaço de ação.

Para Dussel e Caruso (2003) a invenção da sala de aula vem sendo pensada desde o ocidente cristão. Entende-se assim para os autores o porquê da organização escolar com as filas, as crianças levantam a mão para fazer perguntas, tudo muito sistematizado, como forma de civilizar as crianças dentro da escola. Percebe-se que na trajetória da história a sala de aula, está impregnada de rituais e costumes transmitidos tradicionalmente que muitas vezes interferem na forma do professor lidar com os seus alunos. A maioria dos professores que estão habituados com um perfil, um modelo de comportamento tido como padrão, não conseguem lidar com situações adversas apresentadas por seus alunos. Então os alunos que apresentam comportamentos diferentes são rotulados de anormais ou indisciplinados.

Dentro deste contexto, Dussel e Caruso (2003, p.26) relatam:

Como professores e alunos, estivemos, estamos e estaremos na sala de aula por muito tempo. Entretanto, na agitação da rotina de aprender e de ensinar, nem sempre paramos para pensar qual é realmente esta situação, tão importante para nos definirmos como docentes e pedagogos. O fato de ocuparmos uma sala de aula não significa automaticamente que a “habitamos.” Quando alguém apenas “ocupa” um espaço, trata-se de uma estrutura já existente: móveis, rotina, tudo está lá e nos espera. O docente mais experiente nos diz o que considera fundamental para ser um bom professor. Se permanecermos com estas orientações, com a tradição que nos transmite a experiência dos outros (por mais valiosa que possa ser), estaremos “ocupando” a sala de aula de uma maneira passiva, na qual simplesmente nos acostumamos a coisas já existentes. ”Habitar” a sala de aula significa formar esse espaço de acordo com gostos, opções, margens de manobra; considerar alternativas, eleger algumas descartar outras. Habitar um espaço é, portanto uma posição ativa.

Dussel e Caruso (2003) trazem a compreensão de que o professor precisa estar atento quando a criança com o TDAH está na sala de aula somente como parte do corpo discente, mas não presente com suas manifestações e interesse no aprendizado, pois seus pensamentos

e anseios muitas vezes estão bem longe da sala de aula. O educador precisa fazer um empenho pelo seu aluno e não apenas limitar a usar a sala de aula para meramente cumprir com as formalidades educacionais.

A história mostra que ao longo dos séculos a escola passou por mudanças conforme relata Dussel e Caruso (2003) onde relembram a época de Comênio (1592) que ministrava as aulas em latim em espaços abertos (Comenio, 1986, apud Dussel e Caruso, 2003), passando por outros filósofos, até chegar à modernidade aonde são evidentes o uso de todas as formas possíveis de tecnologia dentro das salas de aula para chamar a atenção dos alunos, visto que neste presente século o que não podem faltar ao professor são enormes subsídios para ministrar e fazer-se compreendido durante as aulas em especial quando se tem alunos com o TDAH.

Segundo os autores Dussel e Caruso (2003, p.46):

A sala de aula como a conhecemos e também as estruturas que a precedem são situações sociais nas quais se produzem as condições. Em primeiro lugar, interessa que a criança conduza a si mesma, seja ficando quieta em seu banco ou conduzindo seu próprio pensamento durante a aprendizagem. Em segundo lugar, que conduza a si mesma por meio de e com base em modelos, pautas e normas definidas pelo condutor dessas conduções: o professor e, acima dele, o Estado. Nos postulados da pedagogia com relação à sala de aula, principalmente com respeito ao método, pode-se observar como se produz uma certa "governamentalidade", estado que permite que sejamos governados.

O que nos remeta, a perceber então como se é questionado quando a criança não assimila o conteúdo ora desenvolvido e tão pouco permanece sentada em seu lugar, pois dentro da sala de aula a criança precisa ser governada não somente pelos regimentos escolares, mas também pela autoridade do professor, que às vezes antes de ensinar precisa civilizar o sujeito lhe ensinado como sentar-se, como comportar-se, como respeitar os outros e assim por vezes repetidas esta atribuição é direcionada ao educador.

Neste parâmetro entendemos que o TDAH provoca na criança inúmeras situações de desconforto diante da aprendizagem e do comportamento quer seja físico (não para quieto no lugar) ou intelectual (falta de concentração) e assim a educação começa a repensar o seu papel e entender que não apenas precisa incluir estas crianças, mas também oportunizar um currículo mais adequado para o seu aprendizado.

Goldstein e Goldstein (1994, p.127) mencionam:

Nunca é demais enfatizar a importância da educação. Para controlar com eficácia um problema incurável como a hiperatividade, é essencial uma educação apropriada. Ela é importante, pois um pai não apenas deve saber como proceder, mas também como interpretar tanto as informações desejadas e espontâneas sobre os problemas do filho quanto suas soluções. De uma maneira ou outra, seu filho hiperativo continuará a vivenciar mais problemas durante toda a sua infância e adolescência que a maioria das outras crianças. É necessário que você esteja ciente dos recursos que são úteis na identificação dos problemas e das estratégias para enfrentá-los, pois seu filho hiperativo precisará da sua ajuda para ter êxito.

O melhor caminho para a família de crianças com o TDAH é o de procurar na educação parceiros que auxiliem seus filhos não somente com as metodologias, mas também que compartilhem com o aluno, incentivo e atenção para que se sinta estimulado para realizar as atividades e ocasionando assim o aprendizado.

Neste sentido Goldstein e Goldstein (1994, p.128) enfatizam:

Para controlar com eficácia os problemas do seu filho hiperativo, você deve conseguir se dominar. Paciência, aptidão, tolerância, conhecimento, compreensão e, acima de tudo, capacidade de reconhecer e confessar o amor que você sente pelo seu filho hiperativo são essenciais na diluição dos problemas cotidianos. Sua capacidade de se controlar minimizará as chances de seu filho vir a desenvolver os problemas emocionais secundários, como depressão ou problemas mais graves de conduta.

É muito importante o apoio familiar permitindo as intervenções do professor, mas também dando suporte em casa, mostrando a criança o quanto ela é especial e que algumas mudanças serão necessárias para melhor auxiliá-la, mantendo assim os limites e o bom senso, a criança precisa ter a noção que existem regras.

Os autores Goldstein e Goldstein (1994, p.230) esclarecem:

A hiperatividade é um distúrbio que deve também ser compreendido em uma perspectiva de desenvolvimento. Os problemas de alcance da atenção, a emotividade, a inquietude, a impulsividade e a dificuldade em adiar as recompensas exercerão um impacto bem diferenciado em crianças de idades diferentes. Embora um grupo de crianças hiperativas possa partilhar diversas deficiências de aptidão similares, mesmo duas crianças aleatoriamente comparadas no interior do grupo podem estar experimentando problemas muito distintos. Lembre-se de que ser hiperativo não prevê que seu filho irá experimentar um certo conjunto de problemas. Lembre-se também de que se trata de um distúrbio de consistência e não necessariamente de capacidade.

Embora duas crianças hiperativas possam estudar em uma mesma classe e com idades iguais, os problemas comportamentais e de assimilação de aprendizagem serão diferentes. Cada uma delas terá suas particularidades bem explícitas e não poderão ser comparadas.

Algumas propostas metodológicas podem ser iguais, mas o nível de compreensão será diferente para cada criança com o TDAH.

Souza (2009, p.165) evidência:

Ao pensarmos sobre a objetividade da educação na modernidade, partimos do pressuposto de que apenas as conquistas legais não promovem a qualidade de suas ações junto aos educandos, sobretudo aos que apresentam o TDA/H.

Compreende-se então que a criança com o TDAH se diferencia das demais por apresentar um comportamento que às vezes ultrapassa do seu controle quer seja física ou intelectualmente, haja vista que o seu aprendizado fica comprometido devido a sua inquietação ou falta de atenção. Nesta perspectiva é importante que o professor faça a intervenção pedagógica de forma que as suas ações provoquem no aluno mudanças gradativas na sua aprendizagem e nas situações cotidianas. O educador precisa despertar no seu aluno a confiança necessária para possa realizar as atividades propostas com êxito.

Para os pesquisadores Goldstein e Goldstein (1994) e Barkley (2002) o TDAH não é somente um transtorno que afeta a criança, mas também todas as pessoas à sua volta, família, educadores e profissionais da saúde.

São situações que segundo os autores mencionados acima, podem levar a um desgaste emocional principalmente no que se refere à aprendizagem e ao comportamento do aluno com o TDAH. As evidências mostram que a busca constante por mecanismos que auxiliem a criança devem ser o foco da família e da escola, visto que, o lado comportamental da criança é muito afetado, ocorrendo assim o déficit de atenção e o comprometimento com a realização das atividades propostas dentro da sala de aula.

Assim, por meio de leituras e pesquisas o educador precisa buscar subsídios concretos para a melhor compreensão do TDAH, entendendo assim o que é falta de limites e indisciplina que muitas vezes ocorrerem dentro das salas de aula e quais podem ser as metodologias apropriadas para atender o aluno com o transtorno, para que, o mesmo possa ser atendido dentro das propostas pedagógicas da escola na sua íntegra.

CAPÍTULO 2

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

Jean Piaget

Neste capítulo, fizemos a pesquisa de campo com os professores que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental I pontuando a importância de conhecer, descrever e analisar o que os educadores conhecem a respeito do TDAH. Por meio das entrevistas foram coletados os dados necessários para a realização deste trabalho, observando que para o maior êxito na atuação docente é importante a participação da família e assim, com esta parceria as possibilidades de crescimento da aprendizagem na criança com o TDAH poderão ser evidenciadas.

Para os autores Mattos (2003) e Silva (2009) o professor precisa estar atento as práticas educacionais com maior eficácia e que podem auxiliar na aprendizagem dos alunos que possuem o TDAH, evidenciado isso através de suas pesquisas realizadas os autores analisam que o educador é o mediador da aprendizagem e que por meio de regras e combinados poderá perceber níveis satisfatórios nas atividades realizadas pelos seus alunos com o transtorno. Segundo os autores é fundamental o papel do docente, que por meio da organização e planejamento das atividades poderá encaminhar a criança em seu processo de desenvolvimento pedagógico.

2.1 Entrevistas com os professores

Para saber o que os professores conhecem sobre o TDAH foi realizada uma pesquisa de campo em quatro escolas da cidade de Dourados-MS, sendo duas escolas públicas (municipal e estadual) e duas escolas privadas de ensino, desta forma foram entrevistados dez professores que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental I. Após os educadores preencherem o TCLE, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo) iniciamos as entrevistas através de uma pesquisa semiestruturada contendo três perguntas iguais para todos os professores sendo que, primeiro perguntou-se o que é o TDAH e qual é a sua fonte de

pesquisa (revistas, jornais, internet, outros), segundo qual é o limite entre a indisciplina e o TDAH, terceira quais são as metodologias mais eficazes para atender a criança com o TDAH. As respostas foram manuscritas em um caderno de anotações para depois serem digitadas para o nosso trabalho de conclusão de curso sendo posteriormente feitas as análises dos dados coletados.

Sendo assim, para fidelizar as respostas relatadas pelos professores durante a nossa pesquisa de campo as mesmas foram transcritas na sua íntegra, optando assim por não ser usado áudio ou vídeo gravação nem mesmo fotografar as escolas, professores e alunos mencionados para manter um sigilo profissional com os docentes que aceitaram participar das entrevistas, após a autorização dos coordenadores pedagógicos. Todas as entrevistas realizadas com os professores foram feitas no período matutino durante os meses de setembro e outubro de 2013.

Para melhor estruturação da pesquisa de campo as escolas foram divididas em **A**, **B**, **C** e **D**. Todos os professores entrevistados lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental I, respectivamente no 2º, 3º e 4º ano no período matutino e compõem as três áreas de disciplinas da sala de aula, ou seja, o professor regente que ministra aulas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Ciências e os professores de Artes, Educação Física e Língua Estrangeira. Os professores regentes nos deram as entrevistas durante sua Hora-Atividade² ou intervalos do recreio, no caso dos professores de Artes, Educação Física e Língua Estrangeira que não possuem esses horários para preparação de aulas, pois justamente as disciplinas que lecionam são as que preenchem a hora-atividade do professor regente nós os entrevistamos após o horário escolar.

A primeira entrevista foi realizada em uma Escola Estadual com dois professores, a regente da sala e o professor de Educação Física assim denominada nessa pesquisa de Escola **A** que atende alunos do 1º ano do Ensino Fundamental I ao 3º ano do ensino médio com funcionamento nos três períodos diários (matutino, vespertino e noturno). A escola está localizada em um bairro residencial da cidade mais próximo a área central, possuindo alguns estabelecimentos comerciais em suas proximidades. Os seus alunos atendidos segundo a coordenação que nos atendeu e autorizou as entrevistas são de classe médio-baixa, segundo ela a escola possui vários alunos com evidências do TDAH.

² Hora-atividade – Período que os professores tem disponível para realização do seu planejamento semanal de aula. Na rede Estadual e Municipal são quatro horas semanais e na rede Privada são duas horas semanais.

A segunda escola selecionada foi uma Escola Municipal e foram entrevistadas duas professoras, a regente da sala e a professora de Artes e será chamada de Escola **B**, que atende alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I no período matutino e vespertino. Está localizada em um bairro residencial da cidade bem fora da área central, mas têm em suas proximidades muitos estabelecimentos comerciais e postos de assistência médica e os seus alunos são considerados de classe baixa, segundo a coordenação que autorizou a entrevista e mostrou grande interesse pela temática proposta em nosso TCC, haja vista, possui na escola muitos alunos que evidenciam ter o TDAH e gostaria de ler novas pesquisas sobre a relevância deste tema no contexto escolar.

A terceira entrevista foi realizada em uma Escola Privada Confessional e foram entrevistados três professoras, a professora regente, a professora de Artes e o professor de Educação Física e será aqui denominada de Escola **C**, atende alunos da Educação Infantil iniciando pelo Maternal I ao 9º ano do Ensino Fundamental II nos períodos matutino e vespertino. Localizada no centro da cidade e com vários comércios e edifícios residenciais nas imediações, seus alunos em sua maioria são de classe médio-alta.

A última escola a ser entrevistada é também uma escola privada e foram entrevistados três professores; a professora regente, a professora de Inglês ou teacher como é chamada pelos alunos e colegas de trabalho e o professor de Educação Física. Esta escola atende alunos da Educação Infantil iniciando pelo Pré-I ao Ensino Médio nos períodos matutino e vespertino e a EJA (ensino de jovens e adultos) somente no período noturno e será aqui denominada como Escola **D**, fica localizada muito próxima da escola **B** e com os mesmos locais predominantes. Atende preferencialmente alunos cujos pais são funcionários das indústrias da cidade e regiões próximas e bolsistas que fazem cursos técnicos, sendo assim o perfil do aluno de classe médio-baixo.

Seguem abaixo as perguntas feitas aos entrevistados e as respostas conforme o sequencial das enumerações dadas às escolas e aos professores.

1º O que é o TDAH? Qual é a sua fonte de pesquisa? (revistas, jornais, internet, outros).

A professora regente denominada aqui de **A1**, leciona no 4º ano do Ensino Fundamental I, tem 26 anos de profissão, Graduada em Pedagogia, Especialista em Didática Geral, trabalha 40 horas semanais e faz 8 horas semanais de Hora-Atividade, tem 35 alunos entre nove e dez anos e alguns com laudos do déficit, mas nenhum usa medicação. A professora comentou que conhece o tema através da internet e revistas sobre o TDAH, e a convivência com os alunos em sala de aula a aproxima ainda mais da temática.

Para o professor **A2** que também ministra aulas na Escola **A**, com 16 anos de profissão, Graduado em Educação Física e Especialista em Metodologias nas Séries Finais do Ensino Fundamental II, trabalha 40 horas semanais, não conhece bem o tema e ouve falar mais na escola.

A professora regente **B1** leciona no 3º ano do Ensino Fundamental I, tem seis anos de profissão, Graduada em Pedagogia, Especialista em Gestão Escolar/Supervisão, trabalha 40 horas semanais e possui oito horas semanais de Hora-Atividade, tem 20 alunos entre oito e nove anos, porém um com o laudo de TDAH. Tem conhecimento do TDAH, pois costuma pesquisar na internet, lê também artigos e revistas com informações sobre o tema.

Para a professora **B2**, com nove anos de profissão, Graduada em Artes Visuais, Especialista em Arte e Educação e Atendimento Especial Especializado, tem carga horária de 40 horas, mas redução de 20 horas devido a ter um filho especial³. Conhece e costuma ler a respeito do tema, apontou que o TDAH é um transtorno onde o indivíduo não consegue se concentrar e ficar quieto, seu foco de atenção está sempre alterando, por essa razão nas disciplinas que requer uma maior concentração muitas vezes fica prejudicado.

A professora **C1** leciona no 2º ano do Ensino Fundamental I, tem seis anos de profissão, Graduada em Pedagogia, Especialista em História da Educação, Mestre em História da Educação, trabalha 20 horas semanais e faz duas horas semanais de Hora-Atividade, tem 15 alunos com faixa etária entre sete e nove anos e possui dois alunos com o diagnóstico. Conhece o tema com boa leitura de artigos e trabalhos acadêmicos na disciplina do mestrado, faz uma vez por mês formação continuada na escola onde leciona e o tema é contemplado. Através da observação na sala de aula procura tomar o primeiro passo para conversar com a

³ Lei 7.868/83 - Redução Filho Excepcional. Licença concedida para acompanhar filho com necessidades especiais. Legislação: Art. 127 da Lei Complementar nº 10.098 de 03/02/1994 e na Lei nº 7.868 de 23/12/1983.

coordenação sobre as crianças que evidenciam ter o transtorno, relata que o professor precisa se atualizar constantemente.

A professora **C2**, Graduada em Pedagogia, cursando Psicologia, com cinco anos de profissão, que trabalha 32 horas semanais e leciona aulas de Inglês relatou conhecer bem o tema através da internet e livros e por meio da graduação que esta fazendo.

Nesta forma de pensar sobre os alunos com o TDAH na entrevista com o professor **C3**, Graduado em Educação Física e Especialista em Educação Física Escolar, com 16 anos de experiência com crianças e trabalhando 35 horas semanais. Conhece o tema através da leitura de livros e informações da internet, bem como nas formações continuadas que a escola em que leciona oferece uma vez por mês.

Na escola **D** a professora regente **D1** leciona no 2º ano do Ensino Fundamental, possui Graduação em Pedagogia, com três anos de experiência, trabalha 40 horas semanais e com quatro Hora-Atividade semanais. Possui 23 alunos entre sete e oito anos de idade. Reflete que o TDAH é um problema de desatenção, hiperatividade ou uma combinação destes, sua fonte de pesquisa é na internet. Comentou que possui alguns alunos com este perfil, porém nenhum com um laudo definido.

Segundo a professora **D2**, Graduada em Letras (Português/Inglês), com cinco anos de profissão e que trabalha 38 horas lecionando aulas de Inglês, o TDAH é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, caracterizado por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade, dados estes colhidos em suas leituras, que costuma pesquisar na internet para se manter informada.

Durante a sua entrevista o professor **D3**, Graduado em Educação Física Licenciatura Plena, Especialista em Treinamento Desportivo, com oito anos de profissão e que trabalha 23 horas relatou que o TDAH é um transtorno que normalmente aparece na infância e na maioria dos casos acompanha o indivíduo por toda a sua vida, mas de uma forma mais branda na idade adulta. Suas pesquisas e leituras geralmente são feitas através da internet.

2º Qual é o limite entre a indisciplina e o TDAH?

A professora **A1** relatou que o aluno com o transtorno não consegue se controlar, suas atitudes o deixam cansado e perde a atenção durante as aulas. Observa que os laudos médicos são ineficientes e que em muitos casos o não uso da medicação torna muito difícil o aprendizado do aluno bem, como a sua permanência em sala de aula. Fato este que para ela é evidenciado quando o aluno apresenta o déficit e o laudo médico é contrário, este aluno fica sem direito a frequentar a sala de recursos, aonde seria acompanhado por um professor especialista, que poderia contribuir no processo de aprendizagem deste aluno. Percebe que a indisciplina ocorre pelas atitudes de comportamento momentâneo; falta de obediência, faltam limites e oposições às regras estipuladas para a sala de aula.

O professor **A2** relatou que percebe a diferença quando o aluno é indisciplinado e sem limites e a criança com TDAH, pois esta fica mais isolada durante as aulas sem querer se enturmar.

A professora **B1** compartilhou que percebe as características, pois o hiperativo não se controla e o indisciplinado faz de tudo para chamar a atenção das pessoas ao seu redor.

A professora **B2** verifica que os limites são dados em casa pelos pais ou responsáveis, quando a criança não os tem ocorre então a indisciplina.

A professora **C1** nos relatou que os dois alunos que ela tem em sala de aula com o perfil de inquietação, desatenção e hiperatividade precisam de estímulo e atenção para concluir as atividades e que, segundo ela o maior agravante para a criança é a hiperatividade, pois nela gera-se a indisciplina e assim percebe a diferença entre o transtorno e a falta de limites.

Segundo a professora **C2** o que não se pode confundir entre a indisciplina e o TDAH é que a criança com o transtorno tem a sua luta interior para se concentrar nas aulas e atividades, enquanto que a sem limites quer chamar a atenção, fazer bagunça.

O professor **C3** entende bem e sabe identificar as diferenças entre a indisciplina e o TDAH, visualiza essas diferenças nos dois alunos enquanto a menina é bem competitiva e não gosta de ser contrariada e fica emburrada quando perde nos jogos, o menino precisa de incentivos para interação nas aulas, demonstra insegurança e força em demasia para jogar, pois ainda não tem domínio sobre o corpo, tem dificuldades em assimilar para entender as regras e é preciso falar por vezes repetido.

A professora **D1** percebe que o TDAH pode se manifestar através de atitudes como falar ao mesmo tempo em que o professor, atrapalhando as aulas, responder com grosserias, brigar com os outros alunos e até mesmo com o educador. Estes são atos de falta de limites e de grande indisciplina, mas também de reflexos que o aluno com TDAH possui e que quando não diagnosticado fica bem complicado inseri-lo na sala de aula, por isso há casos em que a medicação é necessária.

Para a professora **D2** o TDAH na infância, em geral, se associa a dificuldade na escola e a criança apresenta problemas de comportamento e dificuldades com regras e limites, assim, em um aluno sem o transtorno e em outro com o déficit é preciso ter um olhar atento a frequência dos níveis de agitação para entender se é indisciplina ou o transtorno.

O professor **D3** observa que as crianças com o TDAH são meio desastradas e vivem no mundo da lua, principalmente os meninos que são mais impulsivos e hiperativos. Parece que eles têm um motorzinho ligado nos 220 KW, geralmente não param quietos ou quando isso ocorre é por pouco tempo. São sintomas bem diferentes de uma simples indisciplina, por este motivo, quando identifica uma criança com as características do TDAH deve-se encaminhá-la o quanto antes para uma ajuda especializada para que possa receber ser feito um diagnóstico e o aluno receba o tratamento adequado se este for o caso, pois a demora em ser iniciado um atendimento diferenciado pode trazer consequências graves para o desenvolvimento desta criança.

3º E quais são as metodologias mais eficazes para atender a criança com o TDAH?

Quanto às práticas metodológicas a professora **A1** ministra o mesmo conteúdo para todos os alunos, mas com um atendimento individualizado a criança com o TDAH, pois isso gera mais aprendizado e também socializa a criança com os limites de convivência em grupo, orientando os pais no dia a dia para auxiliarem nas tarefas que vão para casa. Ela também aponta que é preciso disponibilidade para ouvir mais estes alunos, pois geralmente são ansiosos e necessitam de mais atenção para conseguir realizar todas as atividades propostas.

Já o professor **A2** precisa usar métodos motivacionais para que este aluno se sinta parte da turma, mencionou durante a entrevista que a criança que mais observa ter o TDAH não gosta de jogos de concentração e sim de atividades esportivas motoras mais aceleradas.

A professora **B1** faz uso do mesmo material didático, porém com direcionamento diferente para incentivá-lo a cumprir as atividades, pois como tem na sala de aula a professora apoio⁴ consegue fazer um revezamento com ela para que o aluno receba todos os estímulos necessários para fazer todas as atividades propostas para ele. Acredita muito na parceria com a família e o benefício que isso produz para a criança com o transtorno, em nota nos relatou que o aluno só conseguiu a professora apoio pela intervenção dos pais junto a SEMED (Secretaria Municipal de Dourados) e este apoio faz toda a diferença dentro da sala para auxiliar o aluno, que também faz aula na Sala Multifuncional com atividades bem específicas.

Já a professora **B2** percebe que no caso do TDAH, pelo fato da criança muitas vezes não parar quieta, falar demais, estar agitada, não indica indisciplina. É preciso perspicácia do professor para perceber essa diferença e propor atividades que atraiam a atenção de seus alunos.

Para a professora **C1**, como forma de melhorar as práticas metodológicas a professora procura socializar as duas crianças com o TDAH em grupos de no máximo três crianças para que estes alunos consigam conciliar a companhia dos colegas e fazer as atividades propostas. Observa que a aluna consegue realizar durante as aulas todas as atividades, mas o menino não, para tanto a professora faz uma atividade complementar bem específica para que com estímulo o aluno realize tudo.

⁴ Professora Apoio – tem formação em Pedagogia e Especialização em Educação Especial, atende alunos com Necessidades Educacionais Especiais. LEI Nº 7.853 - DE 24 DE OUTUBRO DE 1989 - DOU DE 25/10/89 – Alterada pela MEDIDA PROVISÓRIA Nº 437, DE 29 DE JULHO DE 2008 - DOU DE 30/07/2008.

A professora **C2** faz o mesmo conteúdo para toda a sala, mas com os dois alunos precisa estimular e os coloca sempre em grupos separados e com crianças mais tranquilas.

Como parte da metodologia o professor **C3** faz brincadeiras em grupos, pois o trabalho coletivo enriquece os alunos, relatou que costuma preencher guias quando solicitadas, mas sente falta de mais informações da área médica e retornos compatíveis com o que se verifica durante as aulas.

Para melhor organização da proposta metodológica a professora **D1** comenta que se deve propiciar uma boa estrutura, organização e constância, sendo sempre a mesma arrumação das carteiras, programas diários, regras. Colocar a criança perto de um colega que não o provoque e o mais próximo à professora sempre elogiando e encorajando a criança com este transtorno, apesar de trabalhar com o mesmo conteúdo para todos os alunos é necessário iniciar sempre as aulas com tarefas simples e procurar manter a comunicação com os pais da criança.

A professora **D2** procura uma forma de metodologia que abranja o aluno com TDAH posicionado em lugares com menos distrações, próximo a sua mesa e há alunos mais tranquilos, evita o uso exagerado de ilustrações e faz elogios para atividades cumpridas e bom comportamento.

Segundo sua experiência nas aulas de Educação Física o professor **D3** comenta que talvez seja um pouco mais fácil trabalhar com crianças com o TDAH durante as suas aulas, pois se pode utilizar essa energia a mais deles em nosso favor, visto que através dos jogos e brincadeiras fica evidente que eles compreendem as regras e assim diminui a indisciplina. Para o professor de uma maneira geral compreende que é preciso trabalhar com atividades curtas para que possam concluir antes que se dispersem e outra conduta é sempre falar olhando nos olhos, elogiar os seus resultados, tirar sempre as suas dúvidas quando questionarem algo e sempre, com muita paciência, para atendê-los e ensiná-los da melhor forma possível.

2.2 Conhecimento dos professores sobre o TDAH

Observamos durante as entrevistas que os professores demonstraram conhecer um pouco do tema proposto, alguns com conhecimento específico mais aprofundado em que tivemos a oportunidade de manter um diálogo produtivo, outros somente com leituras

superficiais ao qual se baseiam em suas próprias experiências para lecionar para crianças que possuem o TDAH.

Todos percebem que tem em suas salas de aulas alunos com o perfil do TDAH. Mesmo que alguns não possuam laudos médicos recebem, por parte dos professores, uma atenção diferenciada e, durante as entrevistas, constatou-se que somente a professora de Artes da escola **B** possui Especialização para atender aluno com necessidade especial.

Para realizar um trabalho eficaz, é preciso estar atento sobre o que os professores conhecem sobre o TDAH e quais metodologias contribuem para um melhor desempenho entre os alunos, mas durante as entrevistas não recebemos respostas objetivas por parte de alguns professores do que realmente seja o TDAH e o limite entre a indisciplina e o transtorno.

Para Dussel e Caruso (2003, p.226):

Os argumentos que desenvolvemos até agora confirmam a idéia de que a sala de aula e as estratégias de ensino são formas de governo das almas e dos corpos, que reconhecem uma longa história ainda presente na maneira como organizamos nossas práticas, no fato de que os alunos devem sentar-se de determinada maneira na sala de aula, que levantem a mão para intervir. Procuramos mostrar que nenhuma dessas estratégias de ensino é neutra e que todas carregam sentidos e histórias que excedem nossas intenções. Para alguns leitores, esta afirmação pode ser um apelo ao pessimismo, um convite para que abandonemos nossa tarefa de transmitir, por medo de prejudicar alguém.

Observamos que a escola como a conhecemos, ainda reproduz o modelo que segundo Dussel e Caruso (2003) é carregada de imposições, mantendo o aluno sempre seguindo um padrão de conduta, ao contrário, se não enquadra no perfil é considerado impróprio para frequentar à escola.

Há uma tarefa árdua em lecionar meros conteúdos programados e realmente ser um professor que encontre em estudos científicos um melhor desempenho para ministrar suas aulas, e, por conseguinte, transmitir ao aluno conceitos de aprendizagem eficazes.

Para Barkley (2002, p.240), o professor precisa buscar informação para atender a criança com o TDAH. Segundo o autor:

Infelizmente, muitos professores são desinformados sobre o TDAH ou estão desatualizados quanto ao conhecimento do transtorno e seu controle. Verificamos que alguns professores têm uma fraca compreensão sobre a natureza, curso, resultados e causas desse transtorno. Eles também não apresentam nenhuma noção sobre os tratamentos que são úteis ou não. Quando esse for o caso, pequenas mudanças positivas resultarão na tentativa

de estabelecer programas de manejo de comportamento na sala de aula. O primeiro passo para auxiliar seu filho é tornar-se instruído sobre o TDAH, e o passo inicial da intervenção escolar é a instrução dos professores sobre o transtorno. Armado com a informação presente neste livro, você deveria ser capaz de determinar, a partir de entrevistas com o diretor e os professores, se um professor em particular parece suficientemente informado sobre o TDAH.

O que se espera evidentemente é no mínimo que o professor conheça um pouco do assunto, mas caso tenha alunos com o perfil do TDAH precisa fazer uso de todas as informações para ministrar aulas com mais conhecimento e práticas metodológicas que contribuam para o desenvolvimento da criança com o transtorno.

Silva (2003, p.80):

É óbvio que não cabe ao professor diagnosticar o TDA, mas, caso perceba sintomas característicos em algum aluno, oriente a família procurar ajuda. Quanto antes o tratamento médico e/ou psicoterápico for iniciado, menos dificuldades ele terá em sua vida escolar, que se refletirão na vida adulta.

Assim faz-se necessário buscar informações com leituras apropriadas estando atento ao que se passa em sua sala de aula, para não confundir indisciplina com o TDAH. Os professores de Educação Física da escola **C** e **D**, durante suas entrevistas, demonstraram um conhecimento pertinente sobre o TDAH e quais podem ser as intervenções metodológicas mais eficientes para auxiliar os alunos com o transtorno interessante.

Mattos (2003, p.91) relata que “para lidar com uma criança com TDAH, antes de mais nada, o professor precisa conhecer o transtorno e saber diferenciá-lo de “má-educação”, ”indolência” ou “preguiça”.

2.3 Análise de Dados e Intervenções Metodológicas

Há muitos questionamentos ora pensados de quais sejam os métodos mais corretos e sem apelo de punição, pois é notório que na sala de aula o professor passa por várias situações que por dados momentos fogem, a qualquer cronograma programado, precisando fazer novas intervenções, em decorrência da conduta de alguns alunos.

Considerando assim, Silva (2009, p.73) comenta:

O passo inicial para todos os pais e/ou cuidadores é o conhecimento. Quanto mais eles estudarem, se informarem e se educarem sobre o problema de seus filhos, mais estarão preparados para lidar com eles de forma apropriada. Afinal, conhecer profundamente o problema capacitará os pais e ou/cuidadores a enxergarem o mundo através dos olhos dessas crianças. Conhecer como elas se comportam, por que e quando, saber principalmente o que freqüentemente deflagra comportamentos indesejáveis e ter em mente que muitas vezes elas não têm a intenção ou consciência de que estão sendo inconvenientes, possibilitarão aos pais e/ou cuidadores agirem de forma preventiva e também controlarem seus próprios acessos de raiva em relação às mesmas (o que é bastante comum).

Desta forma, é primordial para os pais e professores de crianças com TDAH, que intensifiquem a constante busca por conhecimento e recursos pedagógicos para ter melhor aproveitamento. Entre eles é preciso ser estabelecida uma relação de trabalho e confiança com reciprocidade total, pois do contrário caminharão em duplo sentido, não sendo alcançados resultados satisfatórios.

Para avaliar os dados coletados durante a nossa pesquisa de campo, os autores Bogdan e Biklen (1994) expõem a necessidade criteriosa da tarefa analítica, ou seja, interpretar e tornar compreensível todas as informações que foram coletadas durante o processo de entrevistas.

Sendo assim, após transcrever e ler detalhadamente todas as entrevistas que foram feitas nas quatro escolas da cidade de Dourados-MS, observamos ser evidente que o aluno com o TDAH não recebe por parte da equipe pedagógica uma estrutura adequada para que ele possa ser parte integrante da sala de aula.

Observamos também que nas escolas pesquisadas a maioria dos professores se permite fazer as suas próprias regras em sala de aula, conforme as circunstâncias que cada um se depara, ou seja, dentro do seu espaço escolar cada professor entrevistado vai adaptando os conteúdos conforme a realização das atividades propostas.

No caso de crianças com o TDAH é fundamental ter as regras, as motivações e os elogios, sim. Pois este fará um diferencial importante para que a criança sinta-se motivada a cumprir todas as atividades. Há de se pensar que a criança com o transtorno não está estudando sozinha na sala de aula, mas junto com os demais alunos e que nem sempre estão dispostos a tolerar o coleguinha que não para no lugar e nem obedece ao professor.

Assim Silva (2009, p.80) comenta:

Para melhorar a qualidade de vida de uma criança com TDA e garantir um aproveitamento escolar satisfatório, o colégio e a família precisam estar em fina sintonia. Tanto os pais quanto os professores, orientadores educacionais

e os profissionais da saúde que acompanham a criança devem manter um contato estreito. Além do tratamento médico e/ou psicológico, é fundamental que a criança com TDA se sinta num ambiente adequado e receptivo, aberto às diferenças e variações no ritmo da aprendizagem.

Como já foi descrito, cada criança com TDAH tem um ritmo de comportamento e de aprendizagem, então é notório que o professor, junto aos demais profissionais que assistam estas crianças, precisa ter um senso de direcionamento para cada uma delas, evitando assim fazer comparações.

Criar um ambiente agradável e que contribua para que ela se sinta bem, mas que não tenha, por exemplo, exageros na decoração com cartazes e demais objetos que venham a chamar atenção em demasia (comentário este feito pela professora **D2**), tirando ainda mais a sua concentração nas explicações e orientações dos conteúdos feitos pelo professor.

Segundo Goldstein e Goldstein (1994, p.109):

A criança hiperativa tem um forte efeito sobre o comportamento do professor, em relação à classe como um todo. Os estudos mostram que as interações negativas globais entre professores e todas as crianças da classe eram maiores em classes com crianças hiperativas que tinham problemas significativos. Os professores das crianças hiperativas muitas vezes são mais objetivos e restritivos em suas interações, não apenas com essas crianças, mas também com outras crianças da classe. Além disso, a ocorrência de conflitos entre outras crianças da classe também parece ser maior quando não de lida com criança hiperativa de uma maneira eficiente.

Eficiência e preparo é a ferramenta principal para o professor conseguir desenvolver bem as suas aulas numa classe com uma ou mais crianças com TDAH, ser eficiente para mudar a rotina da sala se for o caso, saber impor limites, definir bem as regras e combinados e estar preparado, conhecendo sobre o assunto, no caso o TDAH, sendo organizado e prático na sala, mantendo assim o controle da classe, sendo evidente manter a parceria com os pais.

No período, das nossas entrevistas da pesquisa de campo observamos que todos os educadores entrevistados possuem graduação, as professoras **A1**, **B1** e **C1** que são as regentes das salas têm formação em pedagogia com especialização e a professora **C1** possui mestrado.

Um dos grandes aliados do professor são as formações continuadas, quer sejam em curta ou longa duração. Pois acrescem ao educador novas práticas educacionais e conceitos metodológicos que contribuem muito na sua prática diária. Tendo assim meios necessários para estar atualizado e informado sobre novas pesquisas e referências teórico.

É preciso fazer uma avaliação mais criteriosa dos conteúdos que são ministrados em sala de aula, pois a criança com o TDAH tem muitas dificuldades para realizar todas as

atividades e o professor pode preparar um material de apoio para que esse aluno realize com êxito o cronograma da aula.

Mattos (2003, p.63) conceitua que “é importante organizar as coisas de modo a ter certeza de que a criança vai ter uma boa chance de conseguir realizar o que esta sendo exigido dela”.

Não se pode exigir além da capacidade da criança, mas o que se espera é um programa diário com atividades a parte para este aluno, pois ao passo que for conseguindo realizá-las com certeza sentirá mais confiança que pode acompanhar a classe como um todo.

Há um caminho longo para que essas transformações ocorram, pois durante as entrevistas é percebido o anseio dos professores em ter que cumprir as ementas curriculares, preencher relatórios e diários, organizar as avaliações, mas, adequar à criança com o transtorno na sala é o maior desafio para todos. Observamos durante as entrevistas que somente a professora **B1** possui uma professora (apoio), para auxiliar o aluno com o TDAH realizar as atividades em sala de aula.

Mattos (2003, p.94) comenta:

É importante diferenciar “dificuldades em se adaptar ao sistema educacional” de “impossibilidade de aprendizagem”. Muitas crianças com TDAH são muito inteligentes e se lhes dermos uma chance elas poderão ser bem-sucedidas.

Não existe uma forma correta e nem uma fórmula secreta. Cada professor precisa ter um olhar diferenciado para ensinar o aluno sempre com paciência, observando a condução e concretização das atividades feitas durante as aulas e não esquecer que são crianças que precisam de um professor solidário, mas com regras objetivas e propostas metodológicas contundentes para que o aluno aprenda a respeitar os combinados, cientes que serão capazes de construir o seu aprendizado com esforço e determinação.

O importante é mostrar, através do contato diário com o aluno que, mesmo tendo o TDAH, a criança poderá superar as dificuldades e alcançar objetivos que parecem inacessíveis. Este conforto e entusiasmo precisa ser sentido pela criança e o professor será este transmissor, mediador entre o ensino aprendizagem, fortalecendo a autoestima do aluno rumo, à condução do sucesso escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição ao educando por si mesmo.

Paulo Freire

O objetivo proposto para realizar este trabalho de conclusão de curso foi conhecer, descrever e analisar o que os professores da cidade de Dourados MS, que, lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental I conhecem a respeito do TDAH. Durante o processo de entrevistas constatou-se que os professores tem formação acadêmica nas áreas afins de conhecimento, sendo que, dos dez professores entrevistados sete possuem especialização e um mestrado. Mas somente uma educadora possui a especialização em educação especial e não é a professora regente, mas a que leciona a disciplina de Artes.

Identificamos então que o trabalho dos professores é concretizado em suas salas de aula, não somente por conta de suas formações acadêmicas, mas, a partir de suas experiências com as crianças que evidenciam possuir o TDAH. Entendemos também como limitação e aprofundamento da nossa pesquisa de campo a pouca disponibilidade de tempo dos professores entrevistados, em vista de seus horários serem bem corridos, pois como observamos na entrevista individual a maioria dos docentes trabalha 40 horas semanais.

Nas análises frente a cada entrevista foi evidente observar que o professor, em suas práticas pedagógicas, muitas vezes somente flexibiliza os conteúdos para o aluno com o TDAH, mas, não é exercido um recurso pedagógico pensado especialmente para o sujeito com o déficit de atenção e, por conseguinte, ainda tem o aluno que apresenta grau de hiperatividade tornando ainda mais complicado o lecionar coletivamente.

Segundo Goldstein e Goldstein (1994), a presença de professores compreensivos, que colaboram com a criança, é imperativo para o desenvolvimento do potencial do aluno com o TDAH. Para os autores, alguns educadores com leituras superficiais confundem o transtorno e pensam ser somente indisciplina ou falta de limites dados por parte da família da criança, então é preciso entender o aluno para poder auxiliá-lo corretamente nas atividades pedagógicas.

Para se pensar uma intervenção metodológica eficaz para atender o aluno com o TDAH será necessário que a escola repense o óbvio; coletividade e individualidade, pois, a

partir do momento em que se entrelaçem uma a outra, acontecerá um novo momento na escola, pois tratando a questão do aprendizado, criam-se mecanismos para o aluno com o TDAH valorizando seus potenciais, para que individualmente possa concluir suas atividades com êxito, ao passo que o envolvendo no coletivo o sujeito passa a fazer parte integrante do contexto da sala de aula e não fica excluído, estando assim inserido no todo que é a escola.

O grande diferencial do professor está em buscar nas pesquisas novos mecanismos que auxiliem na sua prática pedagógica, apoiado a uma equipe de profissionais que juntos possam fazer a diferença para a criança com o TDAH, percorrendo assim um caminho educacional oportunizado por estudos e intervenções, mas também, acima de tudo, por educadores que não se intimidam em segurar pela mão àqueles que precisam e, principalmente, que saibam respeitar o tempo que cada criança necessita para alcançar a aprendizagem.

A oportunidade de realizar a pesquisa de campo nos evidenciou a importância do nosso trabalho como relevância social e científica. Durante o processo de entrevistas fizemos um compromisso verbal em enviá-lo depois de concluído para as escolas nas quais realizamos a pesquisa de campo para que possam lê-lo na sua íntegra. Isso evidencia em nós enquanto educadora e pesquisadora o objetivo de continuar a obter informações por meio das formações continuadas e leituras, contribuindo assim para melhores elucidaciones sobre o TDAH.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARKLEY, Russell A. *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo e autorizado para os pais, professores e profissionais da saúde*. Tradução: Luís Sérgio Roizman- Porto Alegre-RS: 2002. Artmed.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução á teoria e aos métodos*. Tradução: Maria Teresa Estrela e Albano Estrela. Porto-Portugal: 1994. Porto Editora (Coleção Ciências da Educação).

BRASIL. LEI 7.868/83 - *Redução Filho Excepcional*. Licença concedida para acompanhar filho com necessidades especiais. Legislação: Art. 127 da Lei Complementar nº 10.098 de 03/02/1994 e na Leiº 7.868 de 23/12/1983. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=lei+federal+de+redu%C3%A7%C3%A3o+de+carga+hor%C3%A1ria>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BRASIL. LEI Nº 7.853 - de 24 de Outubro De 1989 – *Diário Oficial da União* -DOU DE 25/10/89 – Alterada pela MEDIDA PROVISÓRIA Nº 437, DE 29 DE JULHO DE 2008 - DOU DE 30/07/2008. Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência, sua integração social, sobre a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1989/7853.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

BRASIL. *Resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica nº 03, de 8 de outubro de 1997 (art. 6º, IV), que estabelece percentuais para cálculo dessas horas*. Disponível em: <<http://revistaescolapublica.uol.com.br/textos/27/piso-e-hora-atividade-261561-1.asp>>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

DUSSEL, Inés; CARUSO Marcelo. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. Tradução: Cristina Antunes. São Paulo: 2003. Moderna. (Educação em pauta).

GOLDSTEIN, Sam; GOLDSTEIN, Michel. *Hiperatividade: Como desenvolver a capacidade de atenção da criança*. Tradução: Maria Celeste Marcondes. Campinas-SP: 1994. Papyrus. (Série Educação Especial).

MATTOS, Paulo. *No mundo da Lua: Perguntas e respostas sobre transtorno de déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos*. São Paulo: 2003. Lemos Editorial.

MENEZES, Ebenezzer Takuno de SANTOS, Thais Helena dos. "*Escola confessional*" (verbetes). Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora. 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=243>>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes Inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade*. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SOUZA, W. C. de. *Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade: um caso clínico ou invenção pedagógica?* São Paulo: 2009. Faculdade de Educação.

APÊNDICE I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O presente termo refere-se a um convite a participação do (a) Sr. (a)

_____ como
sujeito de entrevista da pesquisa intitulada “TDAH e suas múltiplas implicações no contexto escolar”. A pesquisa será realizada pela Pós-graduanda Mariza Salete Backes Silva sob a orientação do Profº Dr. Warley Carlos de Souza. A pesquisa tem como objetivo conhecer, descrever e analisar, visando obter informações sobre o que os professores conhecem a respeito do TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade). A mesma será realizada durante o decorrer do ano em curso, por meio de aplicação de entrevista semiestruturada. Durante esta entrevista sua identidade será mantida em sigilo, não ocorrendo aos participantes riscos ou danos algum a sua saúde física ou psíquica. Sendo assim, os benefícios pela sua participação na pesquisa serão em contribuir com a formação da pós-graduanda, bem como, auxiliar na produção do conhecimento na área da Pedagogia escolar. Não haverá nenhuma forma de pagamento pela sua participação na entrevista e os resultados serão apresentados em forma de artigo ou monografia, estando disponíveis aos participantes na biblioteca da instituição e podendo ser publicado e apresentado em eventos científicos. Assim se o (a) Sr. (a) aceitar o convite para participar da pesquisa, por favor, preencha os espaços abaixo.

Eu, _____

RG _____

CPF _____

APÊNDICE II

MODELO DA PESQUISA DE CAMPO

QUESTIONÁRIO:

1) O que é o TDAH? Qual é a sua fonte de pesquisa? (revistas, jornais, internet, outros)

2) Qual é o limite entre a indisciplina e o TDAH?

3) E quais são as metodologias mais eficazes para atender a criança com o TDAH?